

**A NOSSA REVOLUÇÃO EM RAÍZES DO BRASIL <sup>1</sup>.  
OUR REVOLUTION IN ROOTS OF BRAZIL**

**Danielle de Medeiros Sousa (UFRN)<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de fazer uma breve análise sobre o último capítulo, *Nossa Revolução*, do já clássico livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Antônio Candido, sobre esse mesmo capítulo, chegou a afirmar que ele está na esfera dos subentendidos. Nossa vontade, portanto, de compreender o que seria essa *revolução* proposta por Sérgio Buarque foram, exatamente, esses caminhos labirínticos escolhidos pelo autor para explicar esse fenômeno que era, para ele, irreversível e fazia o Brasil caminhar para a modernidade.

**Palavras-Chave:** Raízes do Brasil. Sérgio Buarque de Holanda. Nossa Revolução.

**Abstract:** This article proposes a brief analysis on the last chapter, *Our Revolution*, of the classic book *Roots of Brazil*, written by Sérgio Buarque de Holanda. Antonio Candido, about this same chapter, said he is in the sphere of implied. What led us to try to understand this revolution were, exactly, these labyrinthine paths chosen by the author to explain this phenomenon which, for him, was something irreversible and introduced the modernity in Brazil.

**Keywords:** Roots of Brazil. Sérgio Buarque de Holanda. Our Revolution.

*[...] um livro sobre os dilemas da modernização brasileira [...] faz uma interpretação histórica do país, partindo de uma análise do nosso legado ibérico até a definição da cultura brasileira como marcada pela cordialidade”*

Roberto Wegner.

Em 1936 *Raízes do Brasil* era lançado.

Passados alguns anos, Antônio Candido diria que este era um livro que já nascia clássico e que, junto com *Casa Grande e Senzala* e *Formação do Brasil Contemporâneo*, era um texto “chave que exprimia a mentalidade ligada ao sopro de

---

1 Essa breve investigação foi produto final de reflexões feitas durante a disciplina Interpretações do Brasil, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte no primeiro semestre de 2014 e ministrada pelo Profº Dr. Homero Costa.

2 Mestranda do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. danisousa@outlook.com

radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930”. (CANDIDO, 2012, p.9).

*Raízes do Brasil*, então, passaria para a posteridade como um livro que dava uma nova visão sobre a vida política e social do Brasil analisando, para isso, “os fundamentos do nosso destino histórico, as 'raízes', aludidas pela metáfora do título”. (CANIDIDO, 2012,p.13).

Dividindo o livro em sete capítulos<sup>3</sup>, Sérgio Buarque analisou a colonização ibérica nos trópicos. Comparando a colonização espanhola com a portuguesa, ele dissecava nossas raízes lusitanas e mostrava que a sobrevivência de heranças coloniais traziam empecilhos para a modernização do país. Através de categorias como a do “Homem Cordial”, Sérgio se comprometia “com o argumento sócio-histórico da colonização como uma experiência traumática”. (VELOSO, M; MADEIRA, A., 1999, p. 163).

Interessante lembrar que essa visão da colonização portuguesa como uma “experiência traumática” Sérgio só vai, realmente, ratificar, na segunda edição de seu *Raízes do Brasil*. Edição esta que é lançada em 1947 e que vem com várias modificações estruturais, feitas pelo próprio Sérgio, em relação a primeira edição de 1936. Segundo Nicodemo (2014):

[...] foram inseridos 116 novos parágrafos, o que corresponde a um acréscimo da ordem de um terço do texto [...]. Correndo o risco de algum esquematismo, pode-se afirmar que Sérgio atenua ou extingue julgamentos que atribuem positividade ao resultado do processo de colonização (p. 46).

E continua:

Se na primeira edição éramos paradoxalmente ao mesmo tempo 'bem sucedidos' e 'desterrados', seremos, com essa mudança, governados apenas pela última metáfora, a do desterro [...] num movimento de anulação da visão otimista da empreitada colonial (NICODEMO, 2014, p.48)

3 A divisão em sete capítulos foi feita a partir da 2ª edição (segundo Evaldo Cabral de Mello em seu posfácio escrito para *Raízes do Brasil*, a segunda edição foi lançada em 1947. Essa é a data de lançamento que optamos em adotar no presente artigo já que encontramos, em diversos autores diferentes, um desencontro no tocante a data segunda edição do livro).

As mudanças da primeira para a segunda edição não pararam por aí. Um dos aspectos mais marcantes entre as duas primeiras edições é que, na segunda, Sérgio traz a formação nacional como um processo ainda incompleto.

Com a adição, na segunda edição, do advérbio *ainda* ou melhor, *ainda não* (NICODEMO, 2014, p.48) ao texto de *Raízes...*, Sérgio argumentava que a formação de um Brasil moderno ainda estava sendo feita e só seria concluída se certas sobrevivências arcaicas, de raízes ibéricas, que ainda persistiam na sociedade brasileira e que formavam um entrave para o advento de um “novo estado de coisas”, fossem abolidas.

Nessa segunda edição totalmente revisada, um dos capítulos mais modificados por Sérgio foi o sétimo e último, intitulado: *Nossa Revolução*. É neste curto capítulo que a argumentação de que a formação, ainda incompleta da modernidade brasileira, fica mais clara.

*Nossa Revolução* é um capítulo que, segundo Antônio Candido é compacto e cheio de subentendidos. O seu movimento consiste em sugerir mais do que mostrar. Traz um texto que, pela sua densidade, deve ser cuidadosamente analisado e que, ao final da leitura, passa ao leitor a sensação que vai muito além da de um fechamento; passa um sentido de razão, como se todos os capítulos anteriores fossem um caminho a ser percorrido para que se alcance o sentido final (e que consideramos um dos mais importante de *Raízes...*), que seria o da *Nossa Revolução: a revolução brasileira*.

Analisaremos no presente artigo, portanto, o sétimo e último capítulo de *Raízes do Brasil*. Queremos apreender, o que, para Sérgio, seria essa revolução. Como se daria? Quais características possuía? Haveria resistências?

Junto a essas questões, muito nos interessa fazer uma análise de alguns pormenores que chamaram nossa atenção quando da leitura do capítulo. *Nossa Revolução* nos parece muito significativo para se pensar a história social brasileira e como ela, no discurso elaborado por Sérgio Buarque, ganha novos traços em relação ao discurso vigente da época sobre Brasil e sociedade brasileira. Além disso, e com ajuda de outros autores que estudaram *Raízes do Brasil*, tentamos inserir às análises pretendidas e citadas acima, entendimentos e significados das

escolhas e caminhos que o autor faz em seu discurso, ao longo do capítulo, para falar sobre essa suposta revolução. Esses caminhos que Sérgio traça nos parecem muito mais labirínticos e subterrâneos do que planos e superficiais, daí a vontade de explorá-los.

Concordamos, entretanto, com o que diz Maria Veloso e Angélica Madeira (1999): é um desafio analisar um clássico já sobejamente estudado, como é o caso de *Raízes do Brasil*. E esse desafio coloca-nos na delicada posição de quem busca entrar em um debate já iniciado, precisando estar à altura de comentadores ilustres (VELOSO; MADEIRA, 1999, p.164). Por isso, não temos a pretensão de dar uma última palavra sobre o capítulo ou fechar uma discussão. Pelo contrário, temos sim a vontade de contribuir para um debate que, já iniciado, não parece perto de um esgotamento.

*Raízes do Brasil* é um clássico porque, como todo clássico, está sempre suscetível a ser revisitado e que continua a esclarecer alguns dilemas contemporâneos (VELOSO; MADEIRA, 1999, p.165).

Começemos.

## **A NOSSA REVOLUÇÃO**

Sérgio encerra *Raízes do Brasil* com um capítulo que leva um título instigante: *Nossa Revolução*. Antes de avançarmos por ele, entretanto, devemos entender o termo *revolução* empregado por Sérgio. A *revolução* aqui não deve ser compreendida em seu sentido contemporâneo de ruptura social:

A nossa revolução, além de lenta e gradual, só ganha sentido pleno se aproximada de seu significado etimológico de *revolvere*, “rolar para atrás ou enrolar”, nos fluxos e refluxos de passado e futuro experienciados no presente (VECCHI, 2005 apud NICODEMO, 2014, p. 49 ).

Portanto, Sérgio não estava fazendo alusão a um revolução extrema, de ruptura total com uma dada ordem quando fala de uma (suposta) revolução brasileira. Para ele, nossa revolução já teria começado, ainda estaria em

andamento<sup>4</sup>, sem previsão de acabar e com chances de retrocesso.

Essa revolução, seria, portanto, a superação do passado colonial do país rumo a uma modernidade. Esse passado colonial português estaria nas raízes do nosso 'modo de ser'. Estaríamos espiando os erros de nossos antepassados portugueses porque, para ele, essas características que herdamos de nossos colonizadores europeus se tornaram um entrave à modernização do país. As características que herdamos deles não podiam ser classificadas como prerequisites para uma modernização.

São essas raízes malformadas que Sérgio enfileirou ao longo do livro (o agrarismo, o cordialismo, o individualismo exacerbado, o desprezo pelo trabalho, a incapacidade de renúncia em nome do coletivo (VELOSO; MADEIRA, 1999, p.169). No último capítulo, portanto, ele afirma que é preciso superá-las e demonstra que essa revolução, a *nossa revolução*, iniciada no século XIX, está – aos poucos e de maneira truncada – fazendo isso.

Levando em consideração a afirmação acima, de que essa revolução não teria a conotação de uma ruptura, ela não possui, para o autor, um início preciso. Sérgio Buarque diz:

A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante específico [...] Seus pontos culminantes associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico (HOLANDA, 2013, p.171).

Entretanto ele enumera alguns pontos de mudança que fazem com que fique claro: a revolução acontece. A primeira grande mudança é a Abolição de 1888. Ele diz:

Se em capítulo anterior se tentou fixar a data de 1888 como o

---

4 Essa noção de revolução *em andamento* vem na segunda edição de *Raízes do Brasil*. Antes das mudanças feitas para esta edição, o autor colocava a revolução como terminada. Um exemplo disso é a modificação do segundo parágrafo do capítulo (NICODEMO, 2014, 49) que reproduziremos aqui: na primeira edição, temos: “A grande revolução brasileira não **foi** um fato que se pudesse assinalar em um instante preciso; foi antes um processo demorado que **durou** pelo menos três quartos de século”, já na segunda edição: “A grande revolução brasileira não **é** um fato que se pudesse assinalar em um instante preciso; foi antes um processo demorado e que **vem durando** pelo menos três quartos de século”.

momento mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinham cessado de funcionar alguns dos freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se faz inevitável. Apenas nesse sentido é que a Abolição representa, em realidade, o marco mais visível entre duas épocas (HOLANDA, 2013, p. 172)

Então o fim da escravidão seria um desses momentos em que, o Brasil, teria superado um dos entraves para a modernização. A Abolição foi um ponto culminante da nossa revolução pois punha em terra alguns dos freios (no plural) que retardavam a modernidade: evidente que o próprio trabalho escravo é um desses freios. Como ser moderno, tanto no sentido econômico de moderno (industrial, com mercado consumidor, etc) como no sentido de Liberdade e Igualdade tão aclamado pelo liberalismo<sup>5</sup> com, já quase no decênio final da escravidão, 15,24% de uma população classificada como escrava?<sup>6</sup>

Sérgio Buarque não diz isso abertamente, mas subentende-se. Deve ser este um exemplo claro do que Antônio Candido chamou dos 'subentendidos' que permeiam o capítulo e que vão se multiplicar ao longo do texto. Depois da Abolição, enfim, seguiriam-se outras mudanças.

O segundo momento decisivo da revolução, para o autor, seria a urbanização brasileira. Ela estaria na mesma esteira de mudanças que foram puxadas pelo fim da escravidão. Sérgio diz:

É deliberadamente que se frisa aqui o declínio dos centros de produção agrária como o fator decisivo da hipertrofia urbana. As cidades, que outrora tinham sido como complementos do mundo rural, proclamaram finalmente sua vida e sua primazia (HOLANDA, 2013, p. 172)

---

5 Entendemos que a modernização sugerida por Sérgio Buarque é muito mais que apenas uma modernização econômica de industrialização e urbanização. Apesar de ser isso, *também*.

6 Em 1872 foi realizado o censo da população brasileira. Este censo tem o diferencial de trazer o único registro da população escrava do Brasil (além de fazer um inventário das etnias indígenas e imigrantes separados por nacionalidade). O resultado foi o registro de 10 milhões de habitantes, onde a população escrava correspondia a 15,24% desse total. Os 10 milhões de pessoas estavam distribuídos em 21 províncias. Este censo foi disponibilizado pelo [Núcleo de Pesquisa em História Econômica](#) e Demográfica da Universidade Federal de Minas Gerais (NPHEd/UFMG) e pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado (Fapemig).

Essa urbanização coincidia com o declínio do lavoura do açúcar e o desenvolvimento da lavoura de café. Esta última, muito mais adequada para o processo de modernização que surgia, pensava Sérgio.

A lavoura do açúcar, por exemplo, tinha como base a escravidão, a lavoura do café soube se adaptar ao trabalho assalariado. A lavoura de açúcar era o centro da vida do senhor de engenho, sua família, escravos e agregados. Tudo girava em torno daquele, guardada as devidas proporções históricas, feudo. O engenho não precisava das cidades, as cidades precisam do engenho; a lavoura de café, entretanto, era apenas um meio renda e dependia muito mais das cidades. Ele diz:

A terra da lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e riqueza. A fazenda resiste com menos energia à influência urbana, e muitos lavradores passam a residir permanentemente nas cidades. Decai rapidamente a indústria caseira e diminuem em muitos lugares as plantações de mantimentos, que garantiam outrora certa autonomia à propriedade rural (HOLANDA, 2013, p.174)

O barão de café era, praticamente, um cidadão (cidade sinônimo de modernidade) enquanto o senhor de engenho estava preso ao tradicionalismo agrário, resistente as mudanças dos novos tempos que começavam a mudar, também, as estruturas políticas.

Em 1889 vem o terceiro momento de mudança: A República. Para Sérgio este novo quadro político queria responder, de uma forma adequada, à nova composição social brasileira (HOLANDA, 2013, p.171). O novo tipo de governo pretendia, portanto, ser mais adequado as mudanças que aconteciam. Mais adequado ao liberalismo e impessoalismo que regiam, supostamente, as demais nações modernas que o Brasil pretendia emular.

O “patriciado” do açúcar não tinha mais vez ou voz dentro desse novo sistema político, como possuíam, antes, na Monarquia. Porém, os modelos políticos do passado sobreviviam. Sérgio chamou essas sobrevivências de uma “periferia sem um centro” (HOLANDA, 2013, p.176). Chegamos, então, aqui, nas contradições do processo de modernização do Brasil.

*Uma periferia sem centro* era a sobrevivência de tradicionalismos em meio as

mudanças da revolução. Mais especificamente a sobrevivência do personalismo, característico da América Latina, em um tipo de governo que se pretendia impessoal, como o governo republicano, como bem ditava o liberalismo moderno. A mera substituição de governantes e a confecção de leis formalmente perfeitas não davam cabo dessas reminiscências que teimavam em permanecer.

Para Sérgio, era frequente imaginarmos prezar os princípios democráticos e liberais quando, em realidade, lutávamos por um personalismo ou contra outro. A república brasileira, portanto, se debatia entre opostos. Para alcançar a modernização, portanto, o Brasil deveria tentar eliminar as contradições:

[...] nunca se consumará enquanto não se liquidem, por sua vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta nossa vida social. Se o processo revolucionário a que vamos assistindo, e cujas etapas mais importantes foram sugeridas nestas páginas, tem um significado claro, será este o da dissolução lenta, posto que irrevogável, das sobrevivências arcaicas, que o nosso estatuto de país independente até hoje não conseguiu extirpar. Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogada a velha ordem colonial e patriarcal, com todas as consequências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua a acarretar (HOLANDA, 2013, p. 180 )

Sérgio tenta manter um tom otimista, quando diz que, apesar dos entraves, apesar das raízes malformadas, apesar das contradições, não somos totalmente incompatíveis com os ideais democráticos. O homem cordial podia encontrar, sim, uma possibilidade de articulação entre seus sentimentos e as construções dogmáticas da democracia liberal (HOLANDA, 2013, p. 184). Isso porque repudiávamos a hierarquia, tínhamos uma relativa inconsistência dos preconceitos de raça e de cor e pouca resistência às tendências transformadoras da modernização. Mas alerta: “Com a simples cordialidade não se criam bons princípios” (HOLANDA, 2013, p.185). Superada a velha ordem colonial e patriarcal, portanto, o Brasil poderia seguir em frente com sua modernização.

Mas quem faria essa revolução, que ele destaca: não deveria ser de cúpula; tão somente uma revolução horizontal. Mas, sim, uma revolução vertical e honesta.

Interessante é perceber que, para responder a este questionamento (De que maneira se efetuará essa revolução?), Sérgio Buarque não faz uso direto de suas palavras, ele usa as palavras de um naturalista que visitou o Brasil para fins de pesquisa no século XIX, o norte-americano Herbert Smith.

Numa grande citação de Smith fica claro quem, para Sérgio, teria o poder de realizar essa “revolução honesta”. Reproduzimos parte dessa citação aqui:

Espero que, quando vier, venha placidamente e tenha como remate a amalgamação, não o expurgo, das camadas superiores (...) A sociedade foi mal formada nesta terra, desde suas raízes. (...) Não ouse afirmar que, como classe, os operários e tendeiros sejam superiores aos cavaleiros e aos grandes negociantes. A verdade é que são ignorantes, sujos e grosseiros; nada mais evidente para qualquer estrangeiro que os visite. Mas o trabalho dá-lhes boa têmpera, e a pobreza defende-os, de algum modo, contra os maus costumes. Fisicamente, não há dúvida que são melhores do que a classe mais elevada, e mentalmente também o seriam se lhes fossem favoráveis as oportunidades.” (SMITH, apud HOLANDA, 2013, p.181 )

Sérgio, portanto, não expurga da revolução brasileira alguns elementos da classe superior (apenas os “homens de bem”, que fique claro), nem os “operários e tendeiros”. A citação de Smith deixa transparecer que uma aliança entre classes tornaria possível a revolução de Sérgio.

Não podemos, entretanto, especular o porquê da escolha de uma aliança entre as classes ser o meio que Sérgio adere, quase que *en passant* porque em nenhum momento ele aprofunda a ideia, para mostrar como e quem faria tal revolução. Talvez porque seria demais colocar uma mudança tão profunda nas mãos de pessoas “ignorantes, sujas e grosseiras”. Ou porque, numa aliança com a elite detentora do poder, a revolução aconteceria mais facilmente. Talvez os dois. Impossível afirmar.

Em nosso entendimento, entretanto, dizer quem teria o poder de fazer a revolução acontecer seria o ponto mais sensível do capítulo (quiçá, do livro). Esse é o ponto que daria o tom do seu discurso. Sendo mais claro: dizer que a elite teria o poder transformador, faria o leitor ler o livro sob uma determinada perspectiva política que estaria evidente no texto, se fosse essa a escolha. Dizer que o povo

teria esse poder (entenda-se aqui por *povo* a parte menos abastada da sociedade brasileira, a não-elite) daria ao livro, uma outra perspectiva, diferente da primeira possibilidade. Dizer, entretanto, que uma aliança entre classes faria a revolução brasileira mais provável e colocar essas palavras na boca de outro autor (um naturalista de outro país) fazia Sérgio dançar entre as possibilidades deixando seu último capítulo, e mais especificamente essa passagem, à mercê muito mais de seu leitor, do que propriamente de seu autor. Uma ideia crucial, apenas jogada para cima e deixada sob a lupa dos “subentendidos”. Eles novamente.

O que nos intriga é a citação de outro para responder uma pergunta tão importante para o contexto do capítulo e formulada por ele. Roberto Wegner (2009), diz:

De todo modo, *Raízes do Brasil* é fundamentalmente um ensaio que testa possibilidades e expõe tensões do nosso processo de modernização [...] Sérgio Buarque não pretende apresentar um programa com as supostas soluções para os dilemas brasileiros (WEGNER, 2013, p. 218)

Essa citação de Wegner nos dá a impressão de que, não pretendendo fazer do livro uma cartilha que apresentasse soluções pelas quais o Brasil poderia alcançar a revolução<sup>7</sup>, Sérgio tenta se comprometer pouco (ou não tanto quanto já está) com a revolução brasileira que ele acreditava, estava acontecendo. Apesar dessa impressão, certos autores, como Nicodemo (2014) acham que Sérgio está sim comprometido com a revolução brasileira (já que *se comprometer pouco* e não é sinônimo de *não estar comprometido*) e que, até, chegaria a romper com a imparcialidade pretendida nas Ciências Humanas. Nicodemo diz:

Ao deslocar o *telos* do discurso histórico, da nação pressuposta como dado, para o horizonte futuro de um processo em curso, o narrador passa a participar ativamente do processo narrado. O *ainda não*<sup>8</sup> indica o anseio de que a cultura se emancipe e a nação moderna se forme. Esta postura rompe com o objetivismo científico,

---

7 Em vários momentos percebe-se que Sérgio declina, porque não é esse o seu objetivo com o livro, da ideia de mostrar qualquer tipo de 'passo-a-passo' para se chegar a essa revolução. Por exemplo: a base de seu discurso sobre a revolução brasileira é dizer que, para alcançá-la, deveríamos expurgar as heranças coloniais, mas não diz como se fazer isso. Voltaremos ao assunto.

8 Para melhor compreensão, ler a nota de rodapé número dois.

também estabelecido no século XIX, que tem como pressuposto a imparcialidade da análise e a conseqüente obliteração do narrador da obra (NICODEMO, 2013, p.50)

Colocar o povo como um dos meios para se alcançar a revolução já rompia com o discurso conservador de muitos intelectuais da época, disso, não resta dúvida. Mas, no momento em que dá ênfase a uma aliança entre classes, tende-se muito mais a uma harmonização do que a uma solução que represente uma determinada classe ou outra. Essa é a chave para entender tão significativa passagem.

Antônio Candido (1988) pode nos ajudar a esclarecer, através de seu interessante artigo *Radicalismos*, como podemos analisar essa parte do texto de *Raízes do Brasil*.

Para Candido, Sérgio Buarque, junto com outros autores, representaria um radical e não um revolucionário. Vejamos:

De fato, o radical se opõe aos interesses de sua classe apenas até certo ponto, mas não representa os interesses finais do trabalhador. É fácil ver isso observando que ele pensa os problemas na escala da nação, como um todo, preconizando soluções para a nação, como um todo. Deste modo, passa por cima do antagonismo entre as classes; ou por outra, não localiza devidamente os interesses próprios das classes subalternas, e assim não vê a realidade à luz da tensão entre essas classes e as dominantes. O resultado é que tende com frequência à harmonização e à conciliação, não as soluções revolucionárias (CANDIDO, 1988, p.4-5)

Apesar de um radical de se identificar, apenas em parte, com os interesses específicos das classes trabalhadoras e, para Candido (1988), essa figura não produzir, em geral, um *comportamento* revolucionário, pode sim ser um fermento transformador de uma dada realidade. Mas especificamente sobre Sérgio e *Raízes do Brasil*, Candido diz:

Creio que Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro intelectual brasileiro de peso que fez uma franca opção pelo povo no terreno político, deixando claro que ele deveria assumir o seu próprio destino, por ser, inclusive, portador de qualidades eventualmente mais positivas que as da elite. Nesse momento, em 1936, rompia-se

discretamente a tradição elitista do nosso pensamento social, inclusive porque Sérgio reconhecia a necessidade, para isso, de uma revolução cujos traços não sugere, mas que situa no horizonte de sua reflexão (CANDIDO, 1988, p.18)

Talvez não concordemos com parte da passagem acima que diz que Sérgio deixava *claro* que o povo devia assumir seu próprio destino. Sérgio lança a ideia, mascarada, sem aprofundá-la, deixando-a muito mais sob a penumbra de uma possível interpretação que a tire de sua inicial escuridão. A clareza aparece na hora em que tomamos o texto para nós, através da nossa interpretação.

Isso não quer dizer que a importância da escolha que fez, em colocar “operários e tendeiros” como partícipes da revolução brasileira, seja diminuída, de qualquer maneira borrada ou anulada em seu pioneirismo.

Nesse momento em que Sérgio escolhe esse caminho, o conservadorismo – que dominava os discursos sobre o Brasil, até então – e que supervalorizavam o papel da elite (patriarcal, latifundiária e colonial), mesma elite que para Sérgio devia, agora, fazer parte de um passado. Nesse momento, portanto, no qual Sérgio faz essa escolha, seu discurso parece ser muito mais radical do que achamos que é (ou deveria ser) um discurso radical, pois o analisamos nos dias de hoje. Sem dúvida nenhuma no capítulo *Nossa Revolução, Sérgio, discretamente*, rompe com o discurso conservador.

Diante dessa tão almejada revolução, entretanto, ele continua, era provável que se levantasse resistências. Nas palavras de Sérgio:

Contra sua cabal realização é provável que se erga, e cada vez mais obstinada, a resistência dos adeptos de um passado que a distância já vai tingindo de cores idílicas. Essa resistência poderá, segundo seu grau de intensidade, manifestar-se em certas expansões de fundo sentimental e místico limitadas ao campo literário, ou pouco mais. Não é impossível, porém, que se traduza diretamente em formas de expressão capazes de restringir ou comprometer as esperanças de qualquer transformação profunda (HOLANDA, 2013, p.183 )

Mais especificamente essas resistências podiam encarna-se na propensão sul-americana para o personalismo que, para Sérgio, tanto nos distanciava de processo

de modernização.

Ao final do capítulo, Sérgio critica um possível quadro de um Brasil fascista. É interessante lembrar que, nessa época, se assistia a uma propagação dos ideais integralistas que seriam, na verdade, reflexo do pensamento personalista.

Numa conclusão, que em poucas palavras e de maneira quase implícita engloba boa parte das discussões levantadas no capítulo. Além disso, mostra que existe um ritmo próprio que o país terá que encontrar para chegar a fazer suas transformações. Sérgio diz:

Se no terreno político e social os princípios do liberalismo têm sido uma inútil e onerosa superfetação, não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre intato, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa (HOLANDA, 2013, p.187-188).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nossa Revolução* é um capítulo instigante. Sua densidade compactada nas poucas e discretas palavras de Sérgio Buarque fazem desse capítulo, um capítulo vivo (assim como todo o livro) porque nos mostra o fôlego de algo escrito há mais de setenta anos.

Não é de se admirar, portanto, que muitos considerem essa obra de Sérgio tão importante. Indubitavelmente clássica, *Raízes do Brasil* sobreviveu ao seu autor e às circunstâncias históricas que motivaram sua publicação e nos oferece um bojo de sugestões para a compreensão de problemas atuais de nosso país.

Ao longo do artigo, tentamos colaborar com nossas interpretações sobre o que seria essa revolução brasileira, além de tentarmos focar em algumas passagens do capítulo que nos chamaram a atenção, como por exemplo, a escolha de certas abordagens à determinados assuntos ou aos subentendidos deixados pelo autor. Em nenhum momento tivemos a pretensão de elaborar respostas ou formular “análises

de ponto final”. Queremos fazer questionamentos e, se possível, suscitar novas e produtivas discussões sobre o tema e a atualidade de um capítulo que instiga a pensar a nossa realidade.

## REFERÊNCIAS:

CANDIDO, Antônio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras. 2013.

\_\_\_\_\_. **Radicalismos**. Estudos. Avançados. Vol.4 nº.8 São Paulo Jan./Apr. 1988. Em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141990000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000100002)>. Acesso em: 29 de março de 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras. 2013.

NICODEMO, Thiago Lima. **Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda**. História da Historiografia. nº 14. Rio de Janeiro. Abril. 2014. Em: <<http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista>>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

SOUZA, Daiane. **População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872**. Em <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/01/populacao-escrava-do-brasil-detalhada-em-censo-de-1872/>>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

VELOSO, M; MADEIRA, A. **Sérgio Buarque de Holanda: raízes e rizomas do Brasil**. In: VELOSO, M.; MADEIRA, A. (Org.). Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura. São Paulo. 1999.

WEGNER, Roberto. Os Caminhos de Sérgio Buarque de Holanda. In.: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009